

15114 - Grupo Viveiros Comunitários, desde a produção de mudas, educação ambiental até os guardiões da agrobiodiversidade nativa do Rio Grande do Sul, Brasil

Communitary Nurseries Plant Group: from seedling production, environmental education to the protectors of agrobiodiversity native of Rio Grande do Sul, Brazil

MARASINI, Juliana B.¹; PERUZZO, Gustavo²; PEDROSO, Pedro Camargo³; ; MODELSKI, Vanessa⁴; NOUHUYS, Iana Scopel Van⁵, BRACK, Paulo⁶

1 UFRGS, juliana_bmarasini@yahoo.com.br; 2 UFRGS, gugaperuzzo@gmail.com; 3 UFRGS, pcp_92@hotmail.com; 4 UFRGS va_modelski@hotmail.com; 5 UFRGS, ianasvn@gmail.com; 6 UFRGS, paulo.brack@ufrgs.br

Resumo: O Grupo Viveiros Comunitários surgiu em 1997 por meio de iniciativa de estudantes e professores da Biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com trabalhos ligados à produção de mudas de plantas nativas e educação ambiental, incluindo plantios recuperadores denominados de ocupação verde. Há mais de 15 anos, muitas de suas ações buscou trazer estudantes para convívio mais próximo com temas da conservação pelo uso da flora nativa do Rio Grande do Sul, com a implantação de um pequeno viveiro, há 10 anos, na própria universidade. O objetivo do trabalho ampliou-se para buscar o fortalecimento de laços com agricultores familiares campesinos e populações tradicionais, na constituição de uma rede de guardiões da agrobiodiversidade no Estado.

Palavras-chave: Agroecologia; Agrobiodiversidade; Educação Ambiental; Plantas Nativas Alimentícias; Extensão

Abstract: The Communitary Nurseries Group emerged in 1997 through the initiative of students and teachers of Biology, Federal University of Rio Grande do Sul, with work related to the production of seedlings of native plants and environmental education, with planting of regeneration called green occupation. For over 15 years, many of their actions sought to bring students closer to socializing with issues in conservation by the use of the native flora of Rio Grande do Sul, with the deployment of a small nursery of plants, 10 years ago, in the university. The target of the work was expanded to seek the strengthening of ties with small farmers and traditional peoples in the constitution of a network of protectors of agrobiodiversity in the state.

Keywords: Agroecology; Agrobiodiversity; Environmental Education; Edible Weed plants; Extension.

Contexto

O Grupo Viveiros Comunitários (GVC) é um coletivo, formado principalmente por estudantes e professores do curso de Biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que atua por meio de projetos de Extensão, desde 1997, celebrando a agrobiodiversidade, em especial com respeito à conservação e o uso sustentável das espécies nativas do RS. O GVC, além produzir mudas, desenvolver atividades de Educação Ambiental com escolas, estabelece troca de conhecimentos

com agricultores, outros grupos e instituições similares. O que motiva o grupo é o compromisso dos estudantes, em especial de Biologia, diante da alta riqueza socioambiental gaúcha e brasileira, de certa maneira menosprezada e desconhecida da grande maioria da população.

A problemática envolve o paradoxo de uma riqueza biológica encarada pelo poder hegemônico como inimiga da “economia”, num mundo onde reina a manutenção do paradigma produtivista, alinhado às convencionais monoculturas de exportação. E as plantas nativas brasileiras, não raro, são mais conhecidas fora do País e não recebem suficiente apoio de nossos governos e, tampouco, de setores de pesquisas da própria universidade brasileira, considerada como uma “ilha”, por Milton Santos (1998). Não raro, plantas nativas, inclusive de uso alimentício ou medicinal, são condenadas à condição de “daninhas”, sendo os agricultores, mesmo aqueles que as utilizam, induzidos a exterminá-las com herbicidas para não serem chamados de “atrasados”. Por outro lado, a agricultura moderna, que faz crescer o uso de agrotóxicos, condena nossa biodiversidade ao desaparecimento, não produzindo alimentos e, sim, *commodities*, por meio de monoculturas como a de soja, que se alastra desde o Pampa até a Amazônia. Diante disso, o GVC vem buscando agregar estudantes interessados no tema e trabalhar com escolas, agricultores familiares camponeses e público em geral, articulado ao grupo Uvaia, da Agronomia da UFRGS, e a RODA (Rede Orientada de Agroecologia).

Para colocar nossa biodiversidade no local devido, um dos primeiros passos foi o estabelecimento de um laboratório vivo, constituído pelo Viveiro Bruno Irgang (VBI) e de canteiros com diversidade de plantas associados a este, incrementando sementeiras, propágulos e mudas, nos gramados da localizados junto ao Instituto de Biociências da UFRGS, no Campus do Vale, Porto Alegre (POA), RS. No local, os alunos do GVC encontraram um espaço de desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos e relacioná-los com um curso (Biologia), convencionalmente muito restrito a conhecimentos teóricos. O Grupo também executa trocas com saberes tradicionais, divulgação e educação ambiental, produzindo plantas para posterior troca ou distribuição com interessados. Isso sempre dentro de um outro paradigma, que respeite a vida diversa, no caminho do fortalecimento da rede de guardiões da agrobiodiversidade no Estado do Rio Grande do Sul.

Descrição da experiência

Entre 1997 e 2003 o GVC atuava com Educação Ambiental em escolas de regiões periurbanas ricas em ambientes naturais, em Porto Alegre e Viamão, RS, tratando da questão da autoestima ecológica e comunitária, derivada da situação de populações que paradoxalmente viviam muito próximas à natureza, mas se viam longe da chamada modernidade, derivada da busca pela maior centralidade urbana. Assim, no início da década passada, a produção de mudas arbóreas de plantas nativas, as ocupações verdes (plantios comunitários de mudas em áreas degradadas) e a educação ambiental eram as atividades centrais, focadas na região metropolitana. Com o tempo, os trabalhos se fortaleceram na universidade. Em 2004, deu-se início à instalação do VBI, em meio a canteiros entre os prédios da

universidade. Tal iniciativa teve algumas resistências por parte de alguns que alegavam quebrar a “estética dos gramados”, visão esta tão comum às chamadas “monoculturas da mente” (Vandana Shiva, 2003). A tarefa incluía plantios de milho crioulo, aboboras, feijões, hortaliças nativas e espontâneas. Nos canteiros, além de plantas convencionais, mesmo que da agrobiodiversidade, foram sendo mantidas, manejadas, propagadas, por exemplo, mais de três dezenas de hortaliças nativas ou espontâneas. plantas que poderiam ser consideradas estratégicas para o tema da agrobiodiversidade, destacando-se as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) (KINUPP, 2007).

Juntamente com as atividades práticas, o grupo também envolveu-se nas políticas públicas na área de viveirismo. Em 2004, foi realizado o I Encontro sobre Viveiros de Plantas Nativas do Estado do RS, organizado pelo GVC, como resultado de um trabalho de levantamento da situação da precariedade dos viveiros que trabalhavam com espécies nativas no Estado. Depois deste evento, muitos minicursos sobre viveirismo, com enfoque agroecológico, foram desenvolvidos. Em 2005, houve a participação no projeto do Ministério do Meio Ambiente, Plantas para o Futuro – Região Sul (Coradin et al., 2011).

Mais recentemente, houve o incremento de atividades de educação ambiental (figura 1) com escolas visitando o VBI, com oficinas de produção de mudas, bem como participação em feiras agroecológicas e visita a agricultores agroecológicos e camponeses. Paralelamente, elaboram-se materiais de divulgação impressos, derivados desta aprendizagem coletiva, como folhetos e cartilhas, sobre árvores nativas ou PANCs, integrados a outros grupos de agroecologia.

Resultados

No ano de 2013, no que toca a elaboração de materiais, foram elaboradas e distribuídos materiais didáticos, como cartilhas, folhetos e sementes de espécies arbóreas nativas ou PANCs, para pequenos agricultores, em viagens de visita, incluindo idas a feira, ou para escolares que visitam o VBI. Um das questões que chama a questão da percepção do público em geral é que não se tem a definição clara do que se refere a plantas nativas. O que se chama de “nativo” permanece como senso genérico, inclusive dentro da academia e não tem um território ecorregional definido, o que pode prejudicar o sentido de seu uso restauratório da biodiversidade em crescente erosão mundial. Neste caso, o GVC sente-se impelido a realizar seu papel de reafirmar o conhecimento das plantas nativas do RS, inseridas nas diferentes regiões do Estado (PACHECO, 1956), com ênfase máxima àquelas autóctones dos municípios em questão.



Figura 1: Membros do GVC recebendo grupos de estudantes e professores de escolas de Porto Alegre, em maio de 2013. Ao fundo o Viveiro Bruno Irgang.

No que toca à produção de plantas em viveiro (mudas e outras formas de propagação), foram desenvolvidas no ano de 2013 a semeadura em caixas e canteiros do VBI de 30 espécies e repicagem de produção de centenas de mudas de plantas nativas do RS, além de mais de meia centena de plantas não arbóreas e alimentícias não convencionais e/ou medicinais. Nos canteiros, são mantidos e manejados o almeirão-silvestre (*Hipochoeris chilensis*), a principal hortaliça nativa conhecida da população rural do RS, além de begônias (*Begonia cucullata*), araruta (*Maranta* sp.), morrião (*Stellaria media*), mentruz (*Lepidium*), serralha (*Sonchus* spp.), dente-de-leão (*Taraxacum officinale*), entre outras. Cabe destacar que o acompanhamento fenológico da grande maioria destas hortaliças folhosas nativas ou espontâneas, nos últimos cinco anos, deu conta de que são de inverno e primavera (junho a outubro), praticamente desaparecendo na estação de verão (dezembro a março), caracterizada por alto déficit hídrico no Estado. Por outro lado, no verão, as hortaliças de folhas suculentas como as beldroegas (*Talinum* e *Portulaca*), bertalhas (*Anredera* spp.) e a ora-pro-nobis (*Pereskia* spp.) permanecem crescendo viçosamente no verão, sendo cultivadas para distribuição e elaboração de patês vegetais, refogados, e outras formas de uso experimental pelos membros do grupo.

Entre as plantas frutíferas, também usadas para cercas vivas e quebra-ventos, aquelas que talvez tiveram maior êxito na propagação de suas sementes ou propágulos foram a pitangueira (*Eugenia uniflora*), o araçá (*Psidium cattleianum*), o caraguatá-bananinha (*Bromelia antiacantha*), também de uso medicinal e como hortaliça de grande rusticidade, o urtigão (*Urtica auranthiaca*), hortaliça que apresenta altos teores de proteína e cálcio.

No final de 2012 e o primeiro semestre de 2013, o GVC participou de oficinas “Biodiversidade pela Boca” junto com a ONG Inga (www.inga.org.br) e teve um vídeo feito pela TV UFRGS (2013) que faz um relato do trabalho do grupo formado tanto pela nova geração de alunos que ingressaram nos últimos anos na universidade como de membros mais antigos, alguns já egressos e com trabalho profissional influenciado pela convivência e engajamento com o grupo.

Mais recentemente, são desenvolvidas atividades de trocas com famílias de agricultores agroecológicos, nas regiões da Serra, do Litoral, inclusive quilombolas, e Metropolitana do RS (assentados do MST), para estimular parcerias e também o encontro mais frequente de todos estes atores que se identificam como guardiões da agrobiodiversidade, tanto nos congressos de agroecologia e outros espaços de fortalecimento dos grupos e das causas comuns.

O GVC atualmente se reconhece como um dos elos da Rede de guardiões da agrobiodiversidade, com ênfase às espécies nativas do RS. Para isso, também busca esta identidade entre acadêmicos e agricultores agroecológicos, povos tradicionais para incrementar práticas que fortaleçam os processos naturais e as atividades comuns e articulações necessárias, sempre na perspectiva de ampliar adeptos para uma mudança de paradigma tão urgente nos dias de hoje.



Figura 1. Agricultor, João Mattos, com almeirão-silvestre



Figura 2. Pessoal do GVC na Feira Agro-ecológica de POA, em junho de 2013.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto de Biociências da UFRGS pelo apoio nas viagens e a PROEXT/UFRGS pelo apoio e bolsas. Aos agricultores agroecológicos, quilombolas de Mostardas, e estudantes da Biologia, Agronomia, entre outros parceiros nesta empreitada.

Referências bibliográficas

CORADIN, Lídio; SIMINSKI, Alexandre; REIS, Ademir. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: MMA, 2011. 934p. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf2008_dcbio/_ebooks/regiao_sul/. Acesso em 27 de julho de 2013.

KINUPP, Valdely F. **Plantas alimentícias não convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**. Tese de doutorado. Porto Alegre. UFRGS. 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12870>. Acesso em 27 de jul. de 2013.

PACHECO, Miriam. F. S. D. Divisão regional do Rio Grande do Sul. Boletim Geográfico do *Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, **CEMAPA**, 1(4):7-17, 1956.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo. Editora Gaia, 2003.

SANTOS, Milton. (1998) Entrevista com Milton Santos -1/5 no programa Conexão Roberto Dávila – TVE. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=bBaIW_Z6D8E. Acesso em 27 de jul. de 2013.

TV UFRGS – Conhecendo a Universidade: Grupo Viveiros Comunitários. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QvZOeljUUdA&list=PLFF4A27C1E46ECE14&index=9>. Acesso em 27 de jul. de 2013.